

# Notícia de novos achados na Estação Arqueológica da Ponta do Cabedelo \*

(Costa da Caparica)

Pelo

DR. FERNANDO BANDEIRA FERREIRA

Assistente da Faculdade de Letras de Lisboa

Do curso prático de Arqueologia, que regemos na Faculdade de Letras de Lisboa, fazem parte excursões a algumas das mais importantes e típicas estações prè-históricas das proximidades da cidade. No último ano lectivo, um dos sítios visitados foi a Ponta do Cabedelo (Costa da Caparica), estação descoberta há cerca de dez anos por Breuil, Zbyszewski, Afonso do Paço e Maxime Vaultier.

A nossa excursão teve lugar no dia 3 de Março passado e os seus resultados foram tão felizes que voltámos de novo ao local, recolhendo mais algum material.

Posteriormente, mostrámos as peças encontradas numa sessão do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, e o interesse, que elas aí despertaram, animou-nos a escrever um artigo, apresentando esse material e expondo algumas modestas conclusões que do exame do mesmo nos permitimos tirar <sup>(1)</sup>.

Antes de entrar no assunto, queremos manifestar o reconhecimento aos nossos Alunos que com tão grande entusiasmo participaram na recolha das peças, mencionando, em especial, os Srs. Rev. P.º João Pereira, S. J., Fausto da Costa Ritto, Fernando Lopes Vieira e António Paulo Passos de Gouveia.

---

\* Este estudo foi apresentado ao XIV Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado em Málaga, em Dezembro de 1951.

(1) Todo o material foi por nós oferecido ao Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcellos, onde se encontra já em exposição.

\*  
\*   \*  
\*

As nossas pesquisas foram efectuadas na zona da praia pliocénica de 90-100 ms., limitada a Oeste pela escarpa sobranceira à Costa da Caparica, a Sul e Leste pelo profundo barranco do Vale do Junco (ou da Junça) e ao Norte por uma linha imaginária, orientada no sentido leste-oeste e passando a uns 400 ms. ao Sul do Convento dos Capuchos (v. fig. 1). Este terreno triangular estava então dividido em três partes: uma arada, outra semeada e uma terceira em pousio. Foi a zona de maior altitude da estação (c. 100 ms.) que, como sucedera já a Breuil e aos seus colaboradores, nos forneceu a maior parte das peças encontradas (v. fig. 2).

\*  
\*   \*  
\*

Passemos, agora, ao estudo do material recolhido.

Os descobridores da estação encontraram peças atribuíveis a três épocas apenas e, destas, duas eram duvidosas. Com efeito, classificaram de «provavelmente *mustieroides*» duas lascas e um fragmento «à angles émoussés par le vent» <sup>(2)</sup> e de «provavelmente neolítico» um «silex non patiné, quoique un peu lustré» <sup>(3)</sup>, que, contudo, incluíram na II série por eles estabelecida e por eles considerada languedocense. Praticamente, foi esta época a única cuja presença Breuil e Zbyszewski puderam documentar satisfatoriamente na Ponta do Cabedelo. Nela incluem 93 das 96 peças descritas ou mencionadas na *Contribution à l'Étude des Industries Paléolithiques du Portugal* . . . <sup>(4)</sup>.

No que respeita a sílices, Breuil e os seus companheiros também pouca coisa puderam recolher, encontrando somente 11 lascas, das quais consideraram languedocenses 10.

Resumindo: o material recolhido pelos descobridores da Ponta do Cabedelo é escalonável em duas séries: a I provavelmente mustierioide; a II indubitavelmente languedocense, contendo um sílex talvez neolítico.

<sup>(2)</sup> Cf. *Contribution* . . . , Vol. II, pág. 267.

<sup>(3)</sup> Cf. *Id.*, id., pág. 272.

<sup>(4)</sup> In *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, t. XXVI, Lisboa, 1946.

\*  
\*   \*  
\*

Tratemos do nosso material. Em primeiro lugar, devemos dizer que utilizámos, na tentativa de classificação que fizemos, fundamentalmente os métodos tecnológico e tipológico, usando o da pátina-desgaste apenas subsidiariamente.

Relativamente a matérias primas, recolhemos, como Breuil e seus colaboradores, peças de quartzite, quartzito e sílex. A acrescentar, os fragmentos de cerâmica, de que adiante falaremos, e que cremos serem os primeiros descobertos na estação em estudo.

### QUARTZITES

Dos objectos feitos desta rocha, salientamos os bifaces II e IV da fig. 3; os raspadores I, V e VI da mesma fig., bem como os representados na fig. 4 e I da fig. 6; os furadores acabados ou por acabar V e X da fig. 5; as peças crescentiformes obtidas por retalhe de lascas de dimensões variadas da fig. 5 (I-IV, VI-IX, XI e XIII); o pico III da fig. 3<sup>(5)</sup>; as lascas XII da fig. 5 e muitas outras; um percutor achado pelo Rev. J. Pereira; e, finalmente, o núcleo II da fig. 6.

Quanto à cronologia, a esmagadora maioria das peças é do Paleolítico Superior<sup>(6)</sup> e de nítida técnica languedocense. Mas três são mais antigas: a II da fig. 3 (peça n.º 12) é um biface acheuleuse, ponteagudo, de gume zigzagueado, com facetas inclinadas e de dimensões variadas. Apresenta, além disso, um desgaste médio, provavelmente de origem eólica. Contemporâneo desta peça ou talvez mesmo um pouco anterior (pelo menos, o desgaste, também eólico, é mais acentuado) é o furador n.º 39-A, obtido a partir dum fragmento de lasca de grande bolbo de percussão. A peça V da fig. 4 (peça n.º 2), que é um raspador nucleiforme, situa-se, pelo desgaste, entre a peça n.º 12 e o grupo languedocense, mais próxima contudo da primeira que do segundo.

(5) Recolhido pelo Aluno Sr. F. Lopes Vieira.

(6) V. nota 9.

Em suma: no grupo das quartzites, olhando exclusivamente à técnica e aos tipos, podemos distinguir duas épocas: Acheulense e Paleolítico Superior. Entrando em conta com a ausência de coloração das peças 12 e 39-A, podemos precisar um pouco mais e classificar a primeira época de acheulense média ou mesmo superior.

### QUARTZOS

Das 9 peças por nós recolhidas, apenas nos atrevemos a classificar os furadores n.ºs 83 e 85 e o raspador n.º 92 que, assemelhando-se a alguns dos seus congêneres de quartzite, podemos considerar languedocenses. As restantes, à excepção duma (a n.º 93), mostram desgaste idêntico ao das 3 já indicadas. A n.º 93 está bastante mais gasta e apresenta dois tipos de talhe: por percussão e pelo fogo.

### SÍLICES

Da centena e meia de sílices encontrados, uma grande parte é constituída de lascas atípicas, provenientes do trabalho doutras peças. Dos restantes, salientamos as lascas largas retalhadas, com ou sem bolbo de percussão, da fig. 7 (I, IV e IX); as lâminas XI e XIII da mesma figura; os furadores n.ºs 130 e 131; os núcleos III da fig. 7 e XIII da fig. 8; um belo fragmento de lâmina retocado esmeradamente nas margens e com uma pequenina ponta (fig. 7, VII); a pequena ponta trabalhada X da fig. 7; as lindas raspadeiras nucleiformes V e VI da mesma figura; as raspadeiras II e VIII também desta figura; um fragmento de lâmina com os bordos delicadamente retocados (fig. 8, IX); e, por último, uma bela ponta de seta, infelizmente quebrada, encontrada pelo Sr. Costa Ritto.

No que respeita a pátina e desgaste, este é quase nulo ou muito fraco em todas as peças; aquela é acinzentada nuns objectos, branca ou amarelada noutros, praticamente nula, em terceiros. Algumas peças apresentam brilho fraco e outras encontram-se estaladas por insolação.

Quanto a épocas, uma boa parte das peças é do Paleolítico Superior; o pequeno núcleo III da fig. 7 poderá ser talvez mesolítico; as duas lâminas XI e XIII serão neolíticas; e, finalmente, o fragmento de lâmina retocada e a bela ponta de seta, já mencionados, são neo-eneolíticos ou mesmo eneolíticos.

Mas a que períodos do Paleolítico Superior atribuiremos os nossos sílices? Embora seja tarefa difícil, dado o facto dum grande número de peças ser pouco típico, entrando em conta com o aspecto geral, com as dimensões e com o tipo de retoque, é possível classificá-las de perigordenses e epi-perigordenses. As peças II e VII da fig. 7 seriam os exemplos mais notáveis da primeira época; as V e X os mais frisantes da segunda. Quanto à peça III da fig. 7, que há pouco aventurámos ser mesolítica, pode igualmente ser epi-perigordense.

### CERÂMICA

Na segunda visita por nós feita à estação, desta vez sem a colaboração dos nossos Alunos, tivemos a sorte de recolher fragmentos de cerâmica lisa e incisa (n.ºs I-IV da fig. 8), achados que confirmam a existência duma ocupação neolítica e post-neolítica já antes indicada pelo encontro das peças XI e XIII da fig. 7, IX da fig. 8, etc.

\*  
\*   \*   \*

Se estas considerações, que acabamos de fazer, são válidas, mais uma vez se verifica o dualismo industrial das nossas praias durante o Paleolítico Superior, dualismo que foi descoberto devido aos trabalhos de Breuil-Zbyszewski e mais amplamente observado depois das investigações de Olivier, Leonel Trindade e Prof. Manuel Heleno.

Os estudos de Breuil revelaram uma indústria desconhecida até então entre nós: o Languedocense, rude técnica de fabrico de instrumentos a partir de seixos rolados de quartzite e quartzo, a qual, tendo as suas raízes mais fundas no Acheulense, atravessou o resto do Paleolítico Inferior e

mergulhou no Superior, evoluindo depois, pelo menos nalgumas regiões litorais de Portugal, para o Asturiense.

Simultâneamente, Breuil e Zbyszewski identificavam peças solutrenses no espólio da Furninha e no Guincho (7). Mais tarde, Olivier e Leonel Trindade encontravam, em Santa Cruz, respectivamente Solutrense e Grimaldiense, e o Prof. Heleno descobria Solutroide e Grimaldiense com Languedocense no Cerrado Novo, Solutrense no Baío, Solutrense com Languedocense no Vale da Almuinha, etc. (8).

Nas nossas praias, portanto, o Paleolítico Superior apresenta o que nós poderemos chamar dois *fila* industriais: um, *leptolítico*, de sílex, em evolução constante, com os estádios perigordense, solutrense e grimaldiense (ou epi-gravetense); outro, *caclécico* — perdoem-nos o neologismo (9) — de quartzite e quartzo, estável ou quase, acompanhando e misturando-se com o primeiro.

Esta nova maneira de encarar o Paleolítico Superior do nosso litoral vem modificar as ideas primitivas àcerca do Languedocense. Com efeito, a verificação da sua existência no Paleolítico Inferior, por vezes ao lado do Mustierense, a sua presença junto do Perigordense, do Solutrense e do Grimaldiense, obriga-nos a pensar que o Languedocense é, não uma indústria típica de determinado período (sendo, portanto, muito vagas expressões como «época languedocense»), mas uma técnica de fabrico de utensílios a partir de seixos rolados, conhecida e usada em várias épocas (10).

(7) A identificação foi feita cerca de seis anos depois da existência do Solutrense, em Portugal, ter sido definitivamente demonstrada pelas investigações do Prof. M. Heleno, em Rio Maior.

(8) Santa Cruz, Cerrado Novo, Baío e Vale da Almuinha são estações costeiras dos arredores de Torres Vedras.

(9) O termo «caclécico», por nós criado para designar o Paleolítico de utensílios feitos de seixos rolados, foi formado a partir do vocábulo latino hipotético \* *cachlecius*, proveniente do adjectivo grego \* *καχληκικός*, por sua vez derivado do substantivo *κάχληξ, ηκος* ('o), empregado por Galeno e Estrabão, e que significa «seixo das margens ou do fundo dos rios ou mares». Consideramos a forma *caclécico* preferível à *coclácico*, do grego *κόχλαξ, ακος* ('o), porque este nome significa apenas vagamente «calhau».

(10) Certas peças de talhe languedocense da Ponta do Cabedelo apresentam uma tal frescura que nos atrevemos mesmo a perguntar se elas não serão contemporâneas dos fragmentos cerâmicos, portanto neo-eneolíticas. A ser verdadeira a nossa hipótese (e somos os primeiros a apontar a fragilidade da mesma) e a ter-se verificado, de facto, essa persistência, ela não constituiria fenómeno único. Com efeito, há muito que a extraordinária vitalidade de certas indústrias de seixos foi demonstrada pelo encontro de picos asturienses em estações da Idade dos Metais. Mas, como é óbvio, só a descoberta duma estação de estratigrafia segura poderá solucionar a questão.

Se o Homo Sapiens, ao atingir as nossas praias, já na posse dos segredos da elaboração de instrumentos leptolíticos, encontrou pouco sílex, teve, pelo contrário, ao seu dispôr enorme abundância de seixos de quartzo e de quartzite. Não podendo talhar estes da mesma maneira como trabalhava aquele, adoptou a técnica languedocense, já então milenária e perfeitamente ajustada à natureza da matéria prima utilizada. O relativamente pouco sílex, que conseguia obter, reservá-lo-ia para a elaboração daquelas peças que não podiam ser feitas a partir de seixos rolados. A falta daquela matéria prima foi por vezes tão grande que encontramos iniludíveis vestígios do Homem ter procurado fazer leptólitos a partir de lascas de seixos doutras rochas. É testemunho do que acabamos de afirmar um fragmento duma linda folha solutrense *de quartzo*, encontrado pelo Prof. Heleno no Vale da Almuinha e que menciono por amável concessão do eminente Arqueólogo.

\*  
\*   \*  
\*   \*

As nossas prospecções na Ponta do Cabedelo, como as de Leonel Trindade em Santa Cruz e Porto Novo, e as excavações do Prof. Heleno na zona de Cambelas (Torres Vedras), vieram demonstrar que muito há ainda a fazer na exploração arqueológica do litoral português. Breuil, Zbyszewski e os seus colaboradores deram uma grande contribuição, enorme mesmo se entrarmos em linha de conta com o tempo de que dispuseram, mas, repetimo-lo, muito está ainda por estudar. Exploremos as nossas praias mais profunda e sistematicamente e que os magníficos trabalhos de Breuil-Zbyszewski sejam em breve ultrapassados para glória da Arqueologia Portuguesa.

Lisboa — 1951



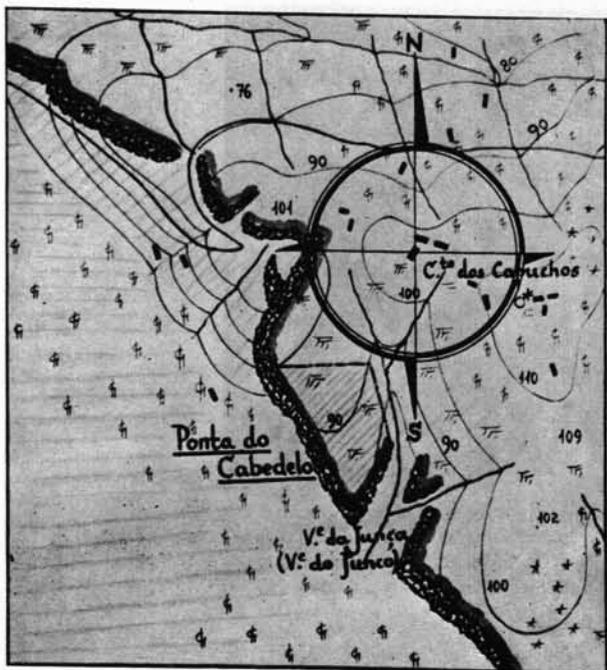


Fig. 1 — Escala de 1:10.000 aprox.



Fig. 2

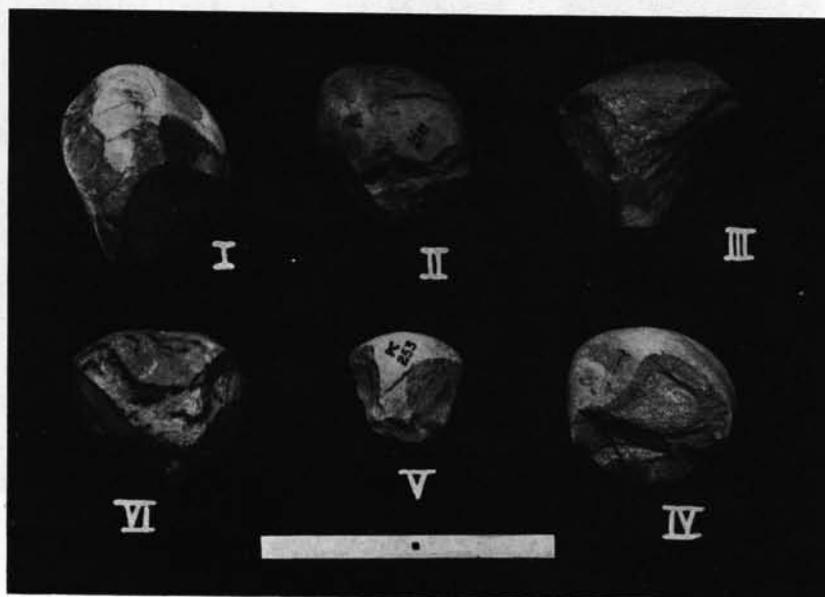


Fig. 3

(Fotografias do autor)

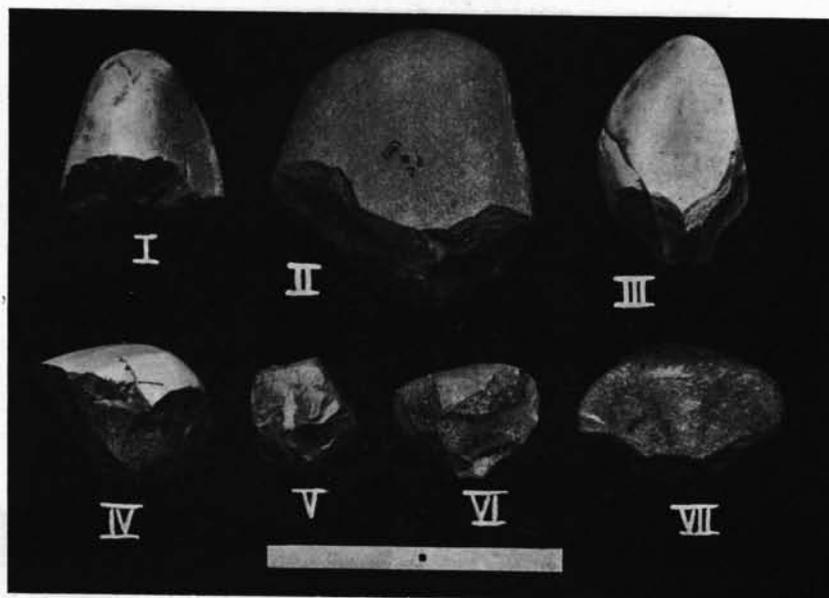


Fig. 4

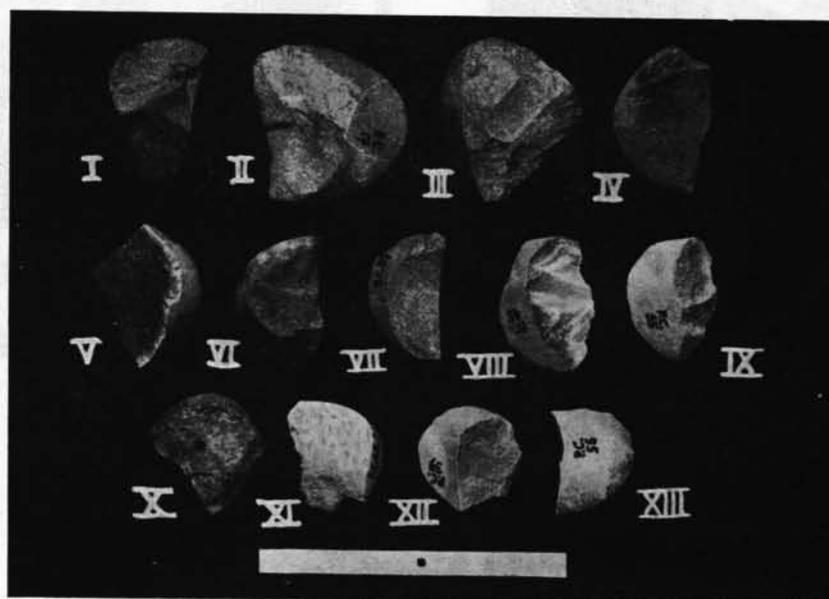


Fig. 5

(Fotografias do autor)



Fig. 6 — Escala de 1:2

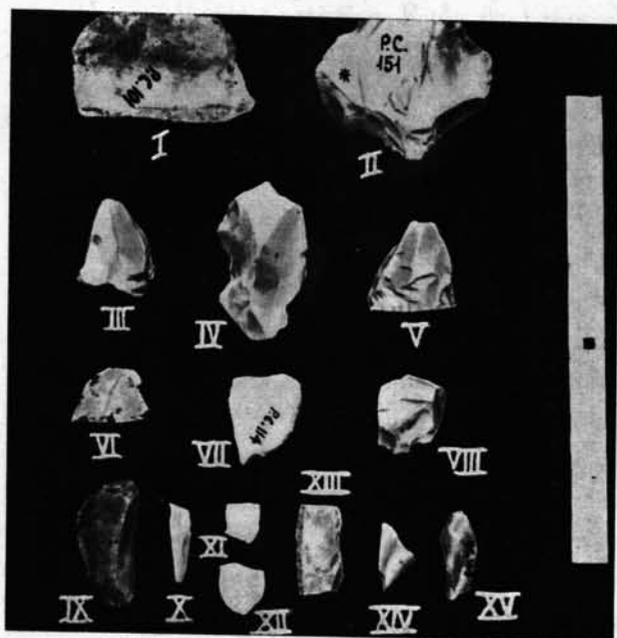


Fig. 7



Fig. 8 — Escala de 1:2

(Fotografias do autor)